



# O AXÉ NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE NO IFPR CAMPUS JACAREZINHO

Árife Amaral Melo<sup>1</sup>

**Eixo História e cultura:** Religiosidades e identidades negras, indígenas e dos povos/populações tradicionais.

**Palavras-chave:** religiões afro-brasileiras; religiões de matriz africana; racismo; intolerância religiosa; práticas docentes.

## INTRODUÇÃO

O presente resumo se refere a um relato de experiência, sobre a introdução e a aplicação de uma Unidade Curricular (UC) ministrada para estudantes do Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR) *Campus Jacarezinho*, no ano de 2022. O principal objetivo da UC era introduzir temas importantes como intolerância religiosa, racismo e a influência da cultura africana no Brasil por meio das religiões de matriz africana (como o Candomblé) e afro-brasileiras (como a Umbanda), desmistificando alguns preconceitos e despertando a curiosidade dos estudantes.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tratar das religiões de matriz africana e afro-brasileiras como temas pedagógicos vai ao encontro das Leis nº 9394/1996 (BRASIL, 1996) e nº 11.645/2008 (BRASIL, 2008), que orientaram incluir no currículo oficial da educação básica brasileira a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. O *Campus Jacarezinho* possui uma estrutura curricular flexível, proporcionando aos docentes a possibilidade de inovar em seus conteúdos, e aos estudantes a possibilidade de dar direcionamento em seu trajeto formativo. Assim, foi oferecida aos estudantes a UC denominada “Axé! A filosofia e a sociologia das religiões afro-brasileiras”. A introdução dessa temática é coerente com a demonstração das expressões étnicas africanas no Brasil.

Não é possível imaginar o Brasil sem a presença das religiões afro-brasileiras. É crescente o reconhecimento a esse legado cultural-religioso, mas também são crescentes as lutas por uma maior expressividade e representatividade do povo negro e de suas práticas culturais e religiosas. (OLIVEIRA, 2021, p.625)

<sup>1</sup> Doutor; IFPR *Campus Jacarezinho*; arife.melo@ifpr.edu.br.



A princípio, pude notar as primeiras impressões dos estudantes com o nome da unidade. Alguns disseram que achavam que se tratava do ritmo musical “axé” e não do conceito iorubano de energia universal<sup>2</sup>.

Sendo uma UC optativa, fiquei na expectativa de haver poucos inscritos, mas qual foi a surpresa ao notar que todas as vagas foram preenchidas pelos estudantes, desde os ingressantes até os veteranos. A partir dessas primeiras impressões, dois aspectos se destacaram: de um lado a ignorância sobre o tema por parte dos estudantes; de outro, a curiosidade em se saber sobre o que poderia ser ensinado em uma UC que trate desse assunto.

A unidade se iniciou apresentando um panorama da escravidão durante o período colonial e as duas principais origens das religiões africanas que chegaram ao Brasil: a dos povos Iorubá e a dos povos Bantu<sup>3</sup>. A partir dessa argumentação, foi criada a ponte necessária para mostrar aos estudantes as estratégias de resistência dos povos escravizados pela via religiosa, cujas atividades deram origem principalmente às duas religiões mais conhecidas no Brasil: O Candomblé e a Umbanda.

Ao se iniciar as apresentações sobre as principais crenças Iorubanas e Bantus, principalmente no que se refere aos orixás e às entidades, os estudantes foram interpelados e estimulados por meio de um trabalho avaliativo, a pesquisarem sobre esses seres sagrados, suas origens e suas narrativas míticas. A abordagem utilizada é a de que se conhece muito sobre a mitologia grega, nórdica, romana, mas pouco ou nada sobre os orixás.

Os estudantes demonstraram muito interesse e curiosidade sobre o assunto e as apresentações renderam ótimas conversas sobre as histórias, as quais segundo os próprios estudantes, são narrativas tão interessantes quanto qualquer história grega. O mesmo ocorreu com as entidades de Umbanda, as quais despertaram curiosidade e fascínio nos estudantes, principalmente com relação aos nomes das falanges (Tranca Ruas, Maria Padilha, Caboclo das 7 encruzilhadas, entre outros)<sup>4</sup>. Segundo Guindani *et al.* (2020) essas religiões foram perseguidas e suas práticas consideradas bruxarias e feitiçarias. Esse pensamento aos poucos foi sendo desmistificado, e demonstrado que esse medo é fruto, principalmente, de uma influência cristã racista que demoniza as religiões de origem africana.

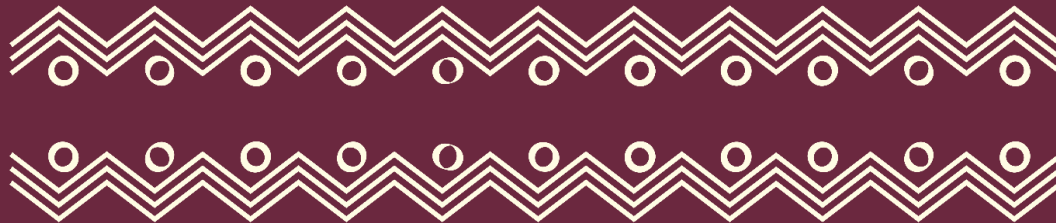
## RESULTADOS

Foi possível observar que apresentando uma abordagem livre de preconceitos e tabus acerca do

<sup>2</sup> Apesar do caráter anedótico dessa situação, isso revela um fator fundamental e que corrobora a necessidade de falar sobre religiões afro-brasileiras em sala de aula: a ignorância que a maioria da população possui sobre esse tipo de fé e de prática religiosa, bem como isso se associa a um racismo estrutural histórico.

<sup>3</sup> O tráfico humano patrocinado pela coroa portuguesa não se restringiu somente a esses povos, mas a presença dos escravizados oriundos dessas regiões definiu boa parte do cenário religioso afro-brasileiro.

<sup>4</sup> Contudo, ao explicar sobre ritualística, dogmas e preceitos do Candomblé e da Umbanda, muitos estudantes demonstraram preocupação e medo com relação à “magia”, termo que muitos estudantes se referiram, por ainda não conhecerem o assunto, assim como o termo “macumba”, mais especificamente sobre praticar o mal fazendo uso de magia.



tema religioso das religiões afro-brasileiras e/ou de matriz africana, o conhecimento sobre o assunto contribuiu para que os estudantes desenvolvessem uma cultura de tolerância maior e até mesmo de curiosidade sobre um aspecto tão arraigado na cultura brasileira. Alguns estudantes, inclusive, afirmaram sentir vontade de visitar um terreiro para ver de perto os cultos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília: MEC, 2008.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Religiões afro-brasileiras: proximidades/distanciamentos nas visões de estudantes e professores.** SAJEBTT, Rio Branco, UFAC, v.8, n.1 (2021): Edição jan/abr.

GUINDANI, Evandro Ricardo; SOARES, Laís de Ávila; GUINDANI, Yáscara Koga. **Religiões afro-brasileiras no contexto escolar: Uma análise numa escola pública do Rio Grande do Sul.** Revista Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Vitória-ES, v.26, n.2, p.124-140, jul./dez. 2020.